

Literatura e insularidade – lugar e local, região e parcela: um exemplo*

Literature and Insularity – Place and Locale, Region and Allotment: An Example

ANA ISABEL MONIZ**

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento insular, Local regional, Horizonte nacional, Referências discursivas, Visão «de fora» e «de dentro».

KEYWORDS: Local, Regional, National horizon, Discourse references, External and inside vision.

À Ana Margarida Falcão

A partir de alguns aspectos da vida cultural no Arquipélago da Madeira, com particular incidência na produção literária, é nosso propósito reflectir sobre a eventual existência de uma identidade cultural inerente a um pensamento insular.

Esta reflexão decorre da observação de um conjunto de atitudes da comunidade local, provindas de escritores e críticos regionais, mas também de manifestações da voz de uma colectividade que assume o seu isolamento geográfico insular, mantendo embora a perspectivação do «local regional» em relação ao «horizonte nacional». Essas atitudes apontavam para a crença generalizada numa apropriação regional de obras literárias e manifestações artísticas que tivessem como autores indivíduos nascidos no Arquipélago, quer nele permanecessem quer não; ou que, vindo radicar-se no Arquipélago, nele vivessem e produzissem artefactos estéticos como se o local regional fosse, em relação ao horizonte nacional, o elemento estruturante de uma procura ou estruturador de uma afirmação de identidade.

* Muita da reflexão deste texto se deve ao contributo de Ana Margarida Falcão, a quem devo igualmente o registo escrito de uma parte.

**Universidade da Madeira, Centro de Estudos Comparatistas – FLUL e Centro de Estudos Regionais e Locais – UMa.

Todos estes factos nos levam a questionar uma possível afirmação de especificidade de pertença regional, em relação a uma hipotética identidade literária e cultural, susceptível tanto de confronto como de integração com a nacionalidade. Trata-se de uma problemática «de centro e margens na vida cultural [...] comum em quase todos os países, sem que esse facto retire a legitimação das várias literaturas adentro de qualquer espaço cultural ou linguístico», como afirma Vamberto Freitas a propósito da literatura açoriana, já que «a arte [é] o principal ponto de referência identitário de um povo nas suas circunstâncias geográficas e históricas» (Freitas, 2016). Ideia corroborada por Urbano Bettencourt quando defende a existência da «formulação de um modo de compreender o mundo açoriano, a relação do homem com a história e com o espaço» (Bettencourt, 2016, p. 369).

Também Eudora Welty, no ensaio «Must the novelist Crusade?», escreveu: «fiction has, and must keep a private address» (Welty, 1965). Considera que, desenrolando-se a vida num lugar pessoal e privado, a sua localização pode interferir na produção artística, consoante afirma ainda Gregory Wolfe: «to say that art needs a private address [...] is to remind us that both art and life begin in the immediacy and concreteness of the local.» (Wolfe, 2015, p. 98).

Logo no início da nossa investigação surgiu-nos, em relação à localização, a problemática da não existência de diferenciações interculturais relevantes. De facto, não existe no Arquipélago da Madeira diferenciação étnica ou linguística, nem tão pouco uma óbvia diferenciação cultural, política ou económica, factores estes que permitiriam a existência de uma demarcação que pudesse conduzir ao conceito de interculturalidade. Sentimos, pois, a necessidade de repensar as realizações literárias e culturais do Arquipélago da Madeira, tanto em termos de lugar como em termos de referências discursivas, das quais pudesse emergir uma possível e hipotética diferença que nos remetesse para uma possível circunscrição de insularidade.

Talvez esta problemática possa ser parcialmente justificada pela modernização periférica e pelo integracionismo que a globalização induz nas parcelas, num movimento centrífugo. Concomitantemente, vai despoletar nas colectividades destas localizações geográficas a necessidade centrípeta de identificação, individualização e divulgação das realizações estéticas e culturais da sua parcela territorial. Estes fenómenos vão influenciar o relativismo da noção de «escritores locais». Há, de facto, «escritores locais»? A resposta a esta questão não nos parece ser de afirmação ou de negação, mas de uma relevância do posicionamento dos escritores locais no seu mundo literário, encarado este «de fora» ou «de dentro».

O «escritor local», sobretudo o periférico, e mais ainda o insular, está circunscrito a limitações de edição e de divulgação. Pode a sua obra não ser destituída de mérito ou valor, mas a sua localização pode fazer com que ela mereça apenas uma «visão local», «de dentro», que a integra numa «literatura local» legitimada, sobretudo, pela recepção no lugar restrito da sua produção e divulgação. No entanto, muitos são os que crescem e ultrapassam esta primeira dimensão.

Observemos o esquema que se segue, considerando-o como se de uma ampulheta se tratasse. O percurso da areia, consoante a sua inversão vertical, permite uma perspectiva óptica da literatura menos divulgada e geograficamente mais limitada na sua recepção até àquela que mundialmente se torna conhecida e recebida, e vice-versa, ou seja, uma correlação entre a dualidade das visões «de fora» e «de dentro».

OCIDENTE

EUROPA

PORTUGAL

MADEIRA

[escritores locais]

OCIDENTE

EUROPA

PORTUGAL

MADEIRA

[escritores locais]

A dinâmica que acima referimos corresponde, pois, à inversão, pela manifestação e abrangência cultural, de uma relativização geográfica. Existe uma consciência colectiva, não forçosamente académica, que frequentes vezes hierarquiza a literatura em função de uma pertença geográfica. No Arquipélago da Madeira encontram-se actividades ou publicações (Associação de Escritores da Madeira, Revista *Islenha*, publicações que reúnem «autores da Madeira» como

Contos Madeirenses e Crónica Madeirense – 1900-2006; e num olhar «de fora para dentro», a extinta Editora Campo das Letras teve uma colecção intitulada «Autores da Madeira»), o que pode ser interpretado, por um lado, como argumento para a defesa da existência histórica de uma consciência colectiva de cariz social e cultural, e, por outro lado, como memória de um passado colectivo que se manifestava numa localização geográfica insular.

Partimos, pois, de uma localização periférica com fronteira de mar – o Arquipélago da Madeira – e de um pensamento sobre as possibilidades do discurso da literatura e da arte produzidas nesse lugar, e assumido por uma colectividade que, recebendo-o, dele se apropria e o legitima num âmbito local.

Neste sentido, gostaríamos de apresentar, a título de *exemplum*,¹ poesia de autores que escreveram sobre a Ilha da Madeira, tomando, como referência de selecção para análise, vectores diferenciais como a temática e o enquadramento geográfico da experiência insular dos autores: afinidades e contrastes em poemas de *Funchal em Fundo*, de João Miguel Fernandes Jorge² (nasceu e vive em Lisboa); *Canções da Terra Distante*, de José Agostinho Baptista³ (nasceu na Madeira e viveu desde os 21 anos em Lisboa, tendo voltado a viver na ilha desde Março de 2012); *funchal*, de Carlos Nogueira Fino⁴ (nasceu em Évora e vive desde os 9 anos no Funchal) e, ainda, *A Mão que amansa os Frutos*, de Irene Lucília⁵ (nasceu e vive no Funchal).

Consideraremos, primeiro, João Miguel Fernandes Jorge. Um dos aspectos fundamentais da sua poesia consiste na presença de uma emoção que olha nos olhos o mundo das coisas, dos homens, dos afectos, da história e da cultura. A geografia exterior ao sujeito surge, pois, contada através de cenas ou pequenas histórias que se narram, em geral, a partir de um cruzamento entre a representação quase fotográfica dessa geografia exterior e a sua efabulação, mas sem deixar de manter semi-submersa uma intersecção com o mundo pessoal de um sujeito lírico que lhes está subjacente.

Os seus poemas parecem configurar, por vezes, como que fragmentos narrativos de um diário, de um relato de viagem ou de um livro de memórias, eivados de intervenções intensas de ritmos e melodias, cuja discursividade empresta ao banal a musicalidade da arte poética. *Funchal em Fundo* não

¹ Na acepção latina do termo ou das *exempla* dos sermões medievais.

² João Miguel Fernandes Jorge, *Funchal em Fundo*. Porto: Edições ASA, 2002.

³ José Agostinho Baptista, *Canções da Terra Distante*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994.

⁴ Carlos Nogueira Fino, *funchal*. Porto: Campo das Letras/Autores da Madeira, 2004.

⁵ Irene Lucília, *A mão que amansa os frutos*. Funchal: Eco do Funchal, 1990.

constitui exceção. Nos seus poemas, encontramos referências toponímicas a localidades da Ilha da Madeira (por exemplo, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta, Machico, S. Vicente, Campanário, Praça António Nobre) e pormenores de lugar ligados à arte (Museu de Arte Sacra, Museu Vicentes, Casa das Mudas, Igreja do Colégio, Estátua de Zarco). Estas localizações surgem como uma necessidade de indicação cénica, muito raramente ligadas ao sentimento do lugar, mas antes como pretexto despoletador para uma viagem mental que por vezes chega a distanciar-se do lugar em que o sujeito lírico se encontra e a fazê-lo viajar mentalmente, por associação de ideias, para outros lugares do mundo. Disso poderá ser exemplo poema «O Mar de Okhotsk desagua na Baía do Funchal» (Jorge, 2002, p. 29).

Raramente a memória do lugar convoca, nesta obra de João Miguel Fernandes Jorge, recordações relacionadas, por exemplo, com a infância ou a adolescência como é o caso dos outros três autores que considerámos. Em comum com estes, alguns motivos insulares recorrentes como o mar e um campo semântico a este ligado. Não encontrámos em *Funchal em Fundo* uma profusa enumeração de pássaros, flores, frutos e sol, presente na poesia dos outros autores. O próprio título deste conjunto de poemas faz do Funchal um cenário onde apenas alguns poucos locais se relevam, mas ficando o sujeito de costas para eles como se constituíssem um cenário contra o qual ele se apoiasse, voltado para o mar, para dar curso à emergência, por associação de ideias, de outros lugares: «Volto-me para a montanha [...] mas na distância do mar desapareço-me de mim próprio»; «Há uma canção de Dowland sobre este mar da ilha» (Jorge, 2002, p. 29).

A visão da ilha mais antagónica à de João Miguel Fernandes Jorge (nitidamente «de fora», embora se situe geograficamente «dentro») será, porventura, a visão de José Agostinho Baptista (nitidamente «de dentro», embora se situe geograficamente «de fora»). Nostálgica viagem da lembrança ou melancólica peregrinação pelos lugares da memória, a poesia de José Agostinho Baptista conta, em episódios vários e em diversa dimensão narrativa, o exílio de um sujeito em si mesmo, corpo e mente desdobrados em múltiplas variantes que sacralizam o sonho, o devaneio e os vestígios do passado, proporcionando a enunciação de representações do lugar quase sempre em função da dor da ausência. A perseguição constante do ausente ou do idealizado, centrada no sujeito, leva, por vezes, à construção imaginária de lugares conhecidos ou a um certo fantasiar das recordações dos lugares da infância.

A profusão toponímica em *Canções da Terra Distante* passa por vinte e um dos vinte e dois títulos de poemas («Travessa de S. Filipe», «Faial», «Funchal»,

«Santo António da Serra», «Caniço», «Machico», «Pico Ruivo», «Avenida do Mar», entre outros) até pormenores toponímicos (Senhor dos Milagres, Campo de Cima, Sinos de S. Filipe, Fonte da Areia, Forte de São José, para referirmos apenas alguns). Além disso, as descrições de pormenores dos lugares abrangem um sem número de plantas (trepadeiras, palmeiras, canaviais, giesta, alecrim, azevinho, alegre-campo, cedros, ciprestes, vinhas), de flores (buganvílias, gerânios, lírio, narciso, dalias, junquinhos, rosas, flor da magnólia, flor de lis, açucenas, roseiras, lilases) e de frutos (tâmara, fruto do paraíso, abacates, araçais, figos, tangerinas, maçãs, limoeiros, uvas) que, curiosamente, encontramos em referência muitíssimo mais restrita em Carlos Fino e em Irene Lucília, que viveram quase toda a sua vida na Madeira.

José Agostinho Baptista é o único dos quatro escritores a utilizar, por diversas vezes, terminologia insular madeirense («quebrada», ou seja, queda de terras e rochas; «levada», isto é, sulcos para irrigação; «novelos», isto é, hortênsias; «canas doces», ou cana-sacarina). O mar gera um alargado campo semântico recorrente (mastros, navios, cais, porto, maré, iodo, maresia, velas, convés, âncoras, água, naufragos, marinheiros). Quanto ao elemento terra, vários são os elementos que surgem frequentes vezes referidos, recobrando quase toda a orografia da ilha (montanhas, cumes, falésias, veredas, vales).

Tal como acima mencionámos, todas estas recorrências temáticas surgem aliadas à memória do lugar, seja este evocador:

Nas manhãs do mercado não encontro a tua voz.
Nunca mais trouxeste a genebra e as tangerinas.
Nunca mais trouxeste as dalias, o junquilha e as
rosas (Baptista, 1994, p. 21).

ou evocado;

Há um desespero de gestos quando afago o teu rosto
porque o teu rosto é o rosto de uma ilha.
E a ilha é um cais sem fim e eu sou esse cais na
cidade da ilha (Baptista, 1994, p. 24).

ou ambos:

Não sei o que imploro a esta avenida,
Não sei porque penso na lota, num brilho de escamas
sobre as lajes (Baptista, 1994, p. 20).

Embora este seja, talvez, o livro de José Agostinho Baptista em que mais cristalizada está a referência à Ilha natal, os motivos acima apontados podem encontrar-se dispersos ao longo de toda a sua obra. Dos quatro escritores do nosso *exemplum*, parece ser aquela cuja poesia se revela, de um modo mais explícito, como estruturadora de uma afirmação de uma identidade local pois, apesar da localização da escrita se situar geograficamente «de fora», será talvez o poeta que mais «de dentro» e «por dentro» escreveu a ilha.

Deixámos para terceiro e quarto lugar *funchal* de Carlos Nogueira Fino e *A Mão que amansa os Frutos*, de Irene Lucília pois, apesar de serem os dois escritores que mais tempo viveram na ilha, são aqueles que se situam num plano de apropriação do lugar intermédio entre *Funchal em Fundo* de João Miguel Fernandes Jorge e *Canções da Terra Distante* de José Agostinho Baptista.

Referiremos primeiro Carlos Nogueira Fino, cuja poesia se caracteriza, de forma marcante, pela continuidade e pela complementaridade semântico-formal dos seus poemas, o que nos leva a poder ler cada livro como um longo poema que, por sua vez, se pode prolongar no livro seguinte, perfazendo aos poucos uma construção una a partir dos diversos fragmentos, ou poemas, que se movem num universo estético e poético familiar. Este universo não veicula, habitualmente, acções concretas e palpáveis, no entanto, a sua contextualização proporciona uma imagética apoiada pela corporização do mundo exterior.

Em *funchal*, as referências toponímicas são essencialmente cidadinas (Larguinho de S. João, Rua de Santa Maria, Rua 31 de Janeiro, Avenida do mar e das Comunidades, Rua Dr. Fernão de Ornelas) e relacionadas com a infância ou adolescência. Nos seus poemas encontramos, de modo mais moderado, referências ao mar (navios, barcos, vagas, águas, porto), às plantas (buganvília, jacarandás, embondeiro) e às aves (gaiotas, pássaros, pombos). O lugar é quase sempre evocador de memória:

era quieta a noite das crianças
era de um negro rosa

foi há tanto tempo

tanto que a memória nem se lembra dela
em experimentar primeiro todas as cores
uma por uma (Fino, 2004, p. 57).

ou lugar-pretexto para considerações do quotidiano ou existenciais:

os amigos fazem-se notar na sua dispersão pela memória
no seu regresso à tona
e entretanto cresceram
fizeram-se voláteis como as espirais do tempo [...]

ó época dos frutos se colherem todos
e não haver lugar no coração para acolhê-los (Fino, 2004, p. 75).

ou ainda lugar-evocado:

Agora continuo a passar por essa rua
todos os dias
mesmo quando passo por outras [...]

e sei que posso prosseguir sem inverter a marcha
e regressar
por esta queimadura na memória (Fino, 2004, p. 39).

Curiosamente, dos quatro autores, Irene Lucília é o único que não refere nenhuma indicação toponímica, mas os pormenores descritivos dos lugares assemelham-se aos da poesia de Carlos Fino e de José Agostinho Baptista, com abundante referência a frutos (figos, uvas, maçãs, cerejas, mangas), a flores (orquídeas, nenúfares, rosas, buganvílias), e ainda ao mar e à terra e seus respectivos campos semânticos.

O lugar surge evocador:

Percorro o cais
como uma viagem entro de novo na cidade

O arco e gancho
dão a volta à praça
por aqui passou vezes sem conta
o veículo jocoso
da infância (Lucília, 1990, pp. 8 e 31).

Mas pode ser um lugar evocado:

dia a dia contar a velhice das pedras
com a ternura azul que o mar
trouxe de longas navegações,
viajar pelas rotas
aprendidas no descobrimento
de ser daqui (Lucília, 1990, p. 27).

A memória é encontrada quase sempre a partir do pequeno pormenor da natureza:

Ó frutos passados pelos sóis
de muitos países e navegações!

descubro a tarde
como um sinal de terra
sobre o mar
elejo a minha pátria aqui (Lucília, 1990, p. 7).

ou da lembrança da cidade:

[...] da cidade fundada no sopé de altos desejos
[...] encontrei-a algures construída
para as festas da mais heróica intimidade (Lucília, 1990, p. 18).

A memória pode ainda ser uma identificação do passado com a identidade que relembra, através da referência directa à ilha: «entre várias ilhas persisto/ e me conheço» (Lucília, 1990, p. 30).

Na obra poética de Irene Lucília, tal como nos seus romances, o enunciado traça, persistente e insistentemente, o fluir do tempo, veiculado pela memória. A recuperação de objectos, locais, cenários, cenas, pequenas histórias, personagens curiosas, costumes ou sentimentos quase esquecidos, partem quase sempre dos lugares da infância. Completados e quase que inventados pela vaga dimensão de certos momentos da lembrança, eles constituem a raiz da escrita de Irene Lucília, sendo por isso a Ilha natal, para ela, o pretexto do dizer os modos suaves ou violentos de amar e recuperar o Arquipélago que, segundo ela, é:

demorado compromisso
com a severidade do tempo
e uma rigorosa fronteira
de calhaus e agapantos (Lucília, 1990, p. 37).

O mar é o motivo insular recorrente que encontramos em comum nos quatro autores, embora com ramificações de contextualização, tais como: céu, sol, vento, lua e noite (sobre a terra ou sobre o mar). Esta constatação realça a ilha como local sitiado ou aprisionado pelo oceano que lhe serve de fronteira, de interdição à fuga ou de caminho de partida ou de chegada.

Se excluirmos João Miguel Fernandes Jorge encontramos, para além de mar, e comuns aos outros três autores, os motivos pássaros, flores, frutos, infância e memória, com o apoio cénico de uma certa narratividade poética que configura a entrevisão dos lugares como se ela fosse filtrada por uma sensibilidade amplificadora de um contador de ilhas ou de memórias. Estas constatações vêm confirmar, do ponto de vista temático, a afirmação de Gregory Wolfe, já referida, de que a literatura é local, visto que a experiência profunda, pessoal e privada de um lugar impregna a vida do escritor e, portanto, a sua arte. Tal como o autor que viveu longo tempo num espaço insular, o receptor que com ele partilha desta vivência tende a receber as referências ao lugar como identificadoras de uma experiência comum e a transportar a experiência pessoal para um colectivo de escrita e para uma apropriação geográfica que se identifica com essa experiência pessoal.

Perante a problemática exposta e exemplificada, procurámos assim repensar alguma da realização literária e cultural sobre o Arquipélago da Madeira, enquanto *corpus* de uma produção localizada que, hipoteticamente, configuraria especificidades mais ou menos acentuadas da expressividade local de um discurso textual. Esta localização e estas especificidades parecem assim configurar, em simultâneo, um movimento centrífugo e centrípeto, de inclusão e de exclusão, de identidade e de diferença, sem contudo deixarem de configurar um pensamento insular. Até porque, como afirma Maria Alzira Seixo, «a Literatura não se determina pela vida dos homens que a escrevem, transpareça nela ou não; mas também não se define só pela língua, que é uma pátria, sim, mas até certo ponto; nem por nacionalidades, às vezes de estabelecimento convencional [...]. No entanto, a terra de onde se fala, ou de que se fala, ou para onde se fala, é em si mesma uma voz.» (Seixo, 2005, p. 143).

Referências Bibliográficas

Corpus

BAPTISTA, José Agostinho (1994). *Canções da Terra Distante*. Lisboa: Assírio & Alvim.

- FINO, Carlos Nogueira (2004). *funchal*. Porto: Campo das Letras/Autores da Madeira.
- JORGE, João Miguel Fernandes (2002). *Funchal em Fundo*. Porto: Edições ASA.
- LUCÍLIA, Irene (1990). *A mão que amansa os frutos*. Funchal: Eco do Funchal.

Outras Referências Bibliográficas

- BETTENCOURT, Urbano (2016). «Vitorino Nemésio: para um pensamento insular atlântico», in: Conde, Manuel Sílvio Alves / Silva, Susana Serpa (eds.). *História, Pensamento e Cultura: Estudos em Homenagem a Carlos Cordeiro*. Ponta Delgada: Nova Gráfica, pp. 369-379.
- FREITAS, Vamberto (2016). «A Literatura Açoriana, outra vez». URL: <https://vambertofreitas.wordpress.com/2016/01/22/a-literatura-acoriana-outra-vez/>. (Acesso em 23-03-2017).
- SEIXO, Maria Alzira (2005). «Açores e Madeira», *Visão*, 7 de Abril, p. 143.
- WELTY, Eudora (1965). “Must the novelist Crusade?”. URL: http://www.pbs.org/wgbh/masterpiece/americancollection/ponder/tg_crusade.html. (Acesso em 26-03-2017).
- WOLFE, Gregory (2015). “Keeping a Private Address”, in: W., G., *The Operation of Grace: Further Essays on Art, Faith, and Mystery*. Eugene: Cascade Books, pp. 95-100.

TÍTULO: Literatura e Insularidade – Lugar e Local, Região e Parcela: um Exemplo
Literatura e Insularidade – Lugar e Local, Região e Parcela: um Exemplo

RESUMO: A partir de alguns aspectos da vida cultural no Arquipélago da Madeira, com particular incidência na produção literária, reflecte-se, neste ensaio, sobre uma eventual operacionalidade do conceito de «local», em função da afirmação de uma identidade cultural inerente a um pensamento insular do arquipélago da Madeira, susceptível tanto de confronto como de integração com a nacionalidade.

TITLE: Literature and Insularity – Place and Locale, Region and Allotment: An Example

ABSTRACT: This essay reflects upon the functionality of the use of the concept of ‘local’. It stems from some cultural aspects of life on the Archipelago of Madeira particularly emphasised in literary works. This reflection is based upon an inherent cultural identity and an insular way of thinking in the Archipelago of Madeira, which is subsequently susceptible to both a confrontation and an integration of a sense of nationality.